

Dora Ferreira da Silva e os Ecos de Narciso

Jamille Rabelo de Freitas¹

Resumo

Neste trabalho objetivamos analisar como se dá o entrelaçamento do mito de Narciso com as figuras mitológicas da ninfa Eco e do profeta Tirésias. Partindo do reflexo de Narciso na lírica de Dora Ferreira da Silva e amparados pelos estudos do imaginário, de Ana Maria Lisboa de Mello, trataremos da problemática do olhar e do relacionamento com o Outro.

Palavras-chave: *Mito de Narciso; Dora Ferreira da Silva; Poesia.*

Tradutora e poeta com expressiva produção, Dora Ferreira da Silva (1918-2006) é dona de uma voz poética transcendente. Contemporânea do eterno, como diria o amigo e filósofo português Agostinho da Silva, a poeta apresenta aos seus leitores uma lírica reflexiva que advoga a importância de se manter a sacralidade da poesia.

Meio século dedicado à escrita fez da obra de DFS² uma das mais completas, marcada por uma busca metafísica e por uma simbologia própria. De descendência grega, o imaginário mítico sempre esteve presente nas obras de Dora e em entrevista a Hermes Rodrigues Nery, ela demonstra como se deu, logo nos primeiros anos de sua vida, seu encontro com a temática mítica.

Quando era criança, havia uma revista em casa, era uma revista italiana que minha babá folheava... e eu olhava para aquelas figuras e ficava fascinada com as imagens das pirâmides e esfinges, sem saber o que era aquilo tudo. Essas imagens exerciam um tal poder sobre mim, me chamavam, me tocavam fundo, no meu ser, no meu ser criança; então, o encontro com o mito é sempre um encontro com a infância, com o nosso ser criança, é um encontro originário. (Disponível em: <http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>)

¹Bolsista FAPEMIG/UFU de Iniciação Científica e graduanda em Letras na Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e Linguística. E-mail: jahmrabello@gmail.com. Orientadora: Prof^ª Dr^a Enivalda Nunes Freitas e Souza.

²A fim de facilitar a leitura do artigo, desse momento em diante, todas as vezes que se fizer referência à Dora Ferreira da Silva, seu nome será identificado apenas pelas suas iniciais, isto é, DFS.

Com uma escrita permeada pelos elementos míticos, simbólicos e arquetípicos, DFS é defensora de uma poesia atemporal. Elemento fundamental na poesia de Dora, o mito é o construtor da perenidade da sua poesia. É com a reativação e a transposição dos mitos antigos para o cotidiano, que a poeta sensibiliza o seu leitor, fazendo-o refletir acerca do sentido da existência humana.

Os mitos e a literatura

Ana Maria Lisboa de Mello, no primeiro capítulo da obra *Poesia e Imaginário*, trata da relação existente entre mito e literatura. Discorrendo acerca da conceituação de mito, a autora faz um retrospecto histórico que abarca desde a concepção defendida pelo filósofo grego Platão até as acepções disponíveis no século XX. De acordo com ela (2002:25):

O conceito de mito tem constituído ponto de controvérsia entre os teóricos, desde a Antiguidade até os dias atuais. Em meio a uma série de posições, destacam-se, grosso modo, duas concepções antitéticas: uma vê o mito como fruto da ignorância e fonte de escravização do homem; outra o considera raiz da sabedoria, solo onde medram as obras de arte.

Segundo os escritos de Mello (2002:25), para Platão o mito não passaria de “uma história fantasiosa que, paradoxalmente, deve ser tomada como verdadeira, na medida em que ilumina a verdade e, desse modo, tem poder de persuasão”. Assim como Platão, o filósofo grego Aristóteles via o mito como uma espécie de fábula, enquanto que os estoicos e epicuristas viam-no como casos de interpretações alegóricas. Esse conceito de mito enquanto alegoria foi enfatizado e bastante valorizado na época renascentista. Todo esse percurso histórico da conceituação mítica é apresentado por Mello, de acordo com os estudos de E. M. Meletínski, na obra *A poética do mito*.

Dentro de todas essas conceituações, aquela que mais se aproximou do conceito de mito como conhecemos hoje, foi a visão do filósofo Giambattista Vico. De acordo com ele, os mitos seriam uma espécie de narrativa de costumes que, amparados por uma lógica poética, revelavam o pensamento primitivo dos povos ancestrais. Para Vico *apud* Mello (2002:27), os mitos exprimiam “um modo de pensar concreto que podia ser encontrado em toda parte, com nomes diferentes”. Esse pensamento do filósofo italiano se assemelha com

a ideia de inconsciente coletivo, que anos depois seria sistematizada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung.

De acordo com Mello, é com a literatura oral, valorizada no período romântico, que o mito tem seu valor reconhecido. Com esse reconhecimento, várias áreas de estudos são criadas, o que propicia uma sistematização dos estudos sobre os mitos. É nesse contexto que surgem nomes de peso como Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, Claude Lévi-Strauss, com sua teoria de antropologia estrutural, Gilbert Durand, com seu método de mitocrítica/mitanálise e Northop Frye, com sua corrente mitológico-ritualista.

Ainda no século XX, outros teóricos surgem com suas contribuições para o aprofundamento do estudo dos mitos, dentre eles Heinrich Zimmer, René Guénon, Georges Gusdorf, Joseph Campbell, Ernest Cassirer e Mircea Eliade. Bebendo nas fontes teóricas de Jung e Frye, Eliade, um dos fundadores da história moderna religiosa e grande estudioso dos mitos, elaborou uma visão comparada das religiões, encontrando relações de proximidade entre diferentes culturas e momentos históricos. Com essa descoberta, ele faz sua primeira grande contribuição acerca dos estudos da mitologia e sua relação com a consciência humana, e assegura que:

[...] o espaço dos relatos míticos das sociedades primitivas é ocupado, na sociedade moderna, pela leitura da prosa narrativa, especialmente o romance, onde se encontram os grandes temas e personagens mitológicos da tradição cultural da humanidade. (Eliade, 1984:504)

Embora tantos nomes tenham surgido e com eles tantas contribuições relevantes para o estudo da mitologia, a diversidade de enfoques ainda deixa margem a divergentes interpretações. Assim, até os dias atuais, o conceito de mito permanece gerando controvérsias, pois “(...) como o deus Prometeu, que se recusa a assumir uma forma fixa, o conceito de mito resiste a uma definição estanque, cerceadora de sua amplitude e pluralidade”, como bem apontado por Mello (2002:30).

Assim como a definição acerca do mito, também a sua origem permanece gerando controvérsias. Não se sabe precisar a data em que tal prática passou a ser realizada; o que se sabe é que “a origem do mito se perde na história da humanidade, configurando-se em narrativas que relatam acontecimentos do começo da história do homem”. (Mello, 2002:30)

Mello assinala que é justamente esse “ponto obscuro” na origem dos mitos que lhe traz sua maior característica: o caráter de exemplaridade. Ela diria (2002, p. 30):

Por ter origem em época tão remota, ao mito é atribuído o caráter de exemplaridade, ou seja, ele constitui, para o homem, paradigma de comportamento no grupo social em que surge. Ao relatar como o cosmos, o homem e toda a natureza tiveram origem, o mito, sobretudo o cosmogônico, é modelo exemplar de todos os atos humanos.

Esse seria um dos primeiros fundamentos do mito. Através dessas narrativas de histórias exemplares, o mito daria sentido ao mundo, às coisas do universo. Explicando como as coisas vieram a existir, ele se transforma em paradigma a ser seguido. Assim, ele passa a ser reiterado e alcança a perpetuação e a atemporalidade que lhe é peculiar. É essa atemporalidade mitológica que se apresenta como fator de identificação entre os mitos e a condição humana, como bem aponta o filósofo e estudioso Adolpho Crippa (1975:66):

A capacidade de participar do mistério do existir faz com que o mito seja a palavra que fascina. Desta aptidão de fascinar, resulta sua permanência na produção cultural humana, ao longo da história, desaparecendo e ressurgindo em diferentes manifestações das sociedades dessacralizadas.

Com o apoio das investigações antropológicas de Lévi-Strauss e, principalmente, das teorias do inconsciente coletivo de Jung, chega-se a conclusão de que “os mitos estão vivos no inconsciente humano, e podem surgir não só nas produções artísticas, como também nos sonhos”, como afirma Mello (2002:36). E com essas descobertas, pode-se explicar a ressurgência de determinados temas da literatura, uma vez que, sistematizando a teoria junguniana, fica evidenciado que o retorno à origem e à essência das coisas seria feito através dos arquétipos.

A mitologia poética de DFS: um relato da condição humana

Uma das produções culturais humanas onde o mito é perpetuado é a poesia que, segundo o filósofo e poeta Gaston Bachelard, é o melhor meio para que as imagens do inconsciente coletivo sejam exteriorizadas. O autor acredita que analisado a partir do inconsciente, o poema deixa de ser apenas objeto de fruição, de prazer, para se tornar meio de conhecimento.

Dotados de universalidade e imutabilidade, os arquétipos – imagens primordiais que habitam o inconsciente coletivo humano - funcionariam como a base de todos os pensamentos, sentimentos e atitudes humanas, sendo exteriorizados e/ou expressados através dos símbolos. Essas imagens arquetípicas, aliadas aos símbolos, se atualizariam através das narrativas dos mitos. Desse modo, para a literatura, o mito seria considerado em sua dupla funcionalidade: enquanto estrutura narrativa e enquanto seu caráter semântico de revelação da condição humana.

Ora, todos sabemos que a mitologia é um tema envolvente, sedutor. Falar dos mitos é falar do homem contemporâneo, da condição humana, do sentido da existência. Explicando o mundo e o como se relacionar com ele, os mitos trazem respostas às inquietações típicas da humanidade. O mito é um símbolo que evoca a significação da vida, e em tudo a poesia se relaciona com ele.

Assim como o mito, a poesia dá sentido à vida. De natureza mítica, ela é um símbolo que evoca outras imagens, onde o poeta, de maneira simbólica, diz o que se passa com a existência humana de maneira atemporal. Nesse sentido, diz-se que poesia é revelação, pois trata de conhecimentos essenciais ao ser humano no processo de auto revelação. Através de ambos, o pensamento do homem é elevado, pois eles trazem consigo forças capazes de transfigurar, de mascarar a realidade do homem. Mello (2002:43-44), ao tratar dessa relação entre mito e poesia observa:

Mito e linguagem brotam do mesmo impulso de formação simbólica, a partir de uma experiência emotiva. Da mesma fonte indivisível deriva a arte, especialmente a poesia, que, ‘em determinados motivos míticos-mágicos’, mantém conexão com esse estágio anterior, solo do mito.

Adornada pelos elementos sagrados, a poesia tenta trazer a tona o tempo primeiro; o tempo em que o homem era a imagem dos seus deuses. E é exatamente essa uma das características mais marcantes da relação mito-poesia: o resgate, feito por ambos, do homem de sua temporalidade. É essa a principal função de poetas: fazer “renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica”, como bem asseverado pela pesquisadora Ana Maria Lisboa de Mello (2002:43). É isso que faz Dora Ferreira da Silva: remitologiza arquétipos, e com eles atualiza o pensamento humano ancestral, demonstrando como os mitos são atemporais e representam um relato da condição humana em qualquer época ou lugar.

É em *Hídrias* que DFS demonstra, de maneira espetacular, como se dá essa relação entre mito e poesia e em entrevista a Nery, ela comprova a comunhão dessa filosofia poético-mitológica com a sua lírica. Vejamos:

Há formulações da vida, das grandes configurações da vida que são mitos. A história é aparentemente uma dessacralização do mito. O homem anota o que vê, de forma criteriosa, acontecimentos, guerras, fatos observados, tentando interpretá-los à sua maneira, cria a filosofia da história, mas o mito... ele é muito mais parente da poesia, de algo que não passa pelo crivo da consciência intelectual, ele não é um saber codificado que nós vamos encontrar definido na estante, ele vem do mais profundo da psique, é uma emanção do nosso pensamento não codificado. Nós o encontramos, por exemplo, quando dormimos e sonhamos, o artista vai buscá-lo na dimensão do onírico motivos para a sua poesia; é como um tomar posse daquilo que foi exteriorizado, partindo de si próprio, buscando lá dentro, nestes depósitos secretos que temos em nosso interior... (Disponível em: <http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>, *grifo nosso*).

Último livro publicado por DFS em vida e responsável pelo terceiro prêmio Jabuti da autora, a obra é instrumento manifestador da realidade da condição humana. Com 25 poemas que se voltam para a beleza dos principais mitos gregos, a poeta evidencia a sacralidade da tradição mítica, ao tempo em que sensibiliza seu leitor, levando-o à reflexão acerca do sentido da vida. Assim é que DFS eterniza sua poesia, como podemos ratificar na fala da estudiosa Enivalda Nunes Freitas e Souza:

Sua poesia é um altar para os deuses. Seus versos recolhem a alma das montanhas, das árvores, da chuva e dos rios, quando poucos poetas ainda veem a alma das coisas e o universo cosmológico como matéria de poesia. Dora faz da religião dos povos pagãos um credo poético, comungando, de igual modo, com a absoluta entrega da poesia mística, aquela que, não desconhecendo a secura da vida, coloca-se em celebração viva e confiante. (Texto inédito.)

Por sua fascinação com a mitologia grega, em *Hídrias*, Dora explora múltiplos mitos através da sua poesia, porém, neste momento, e considerando o fato de estarmos tratando dos reflexos de Narciso, trataremos apenas do mito referido. Evocado através de imagens como a água, o espelho, o reflexo e a sombra, o mito é constantemente reatualizado na obra de Dora, como podemos verificar, observando o poema abaixo.

NARCISO (I)

Lampeja o olhar que antes a toda beleza
se esquivara. És tu, Narciso,
teu reflexo nas águas, ou a irmã

de gêmeo rosto e forma?
Não, não te afastas, porque a unidade
em duas se faria e o mundo das sombras ulula
à espera de tal luto. Permaneces inclinado
e adoras, sem saber se és tu, ou quem queres ver
no exasperado amor que as águas refletem.

A Morte veio enfim buscar-te, consternada
vendo os olhos do estranho amante
fixos na flor nascida de teu sonho.

(Silva, 2004:38)

Marcante por sua atemporalidade, na poesia de DFS o mito de Narciso se apresenta em duas faces, sendo, ao mesmo tempo, enigma e revelação. Sua interpretação não é singela, e é assim, aproveitando-se dessa complexidade interpretativa, que a poeta traz ao seu leitor uma perspectiva analítica imprescindível para a compreensão do ser humano. Uma vez preso na teia poético-mitológica de Dora, o leitor anseia a busca pelo entendimento do mito, e se vê em meio à ambivalência presente entre a busca do reflexo – paixão pelo que nos é familiar, semelhante - e o medo da sombra, que carrega tudo aquilo que nos é desconhecido.

Discorrendo acerca de Narciso e de sua complexidade, a poeta problematiza liricamente acerca de sensações e sentimentos universais, como a paixão não correspondida, a beleza extrema, a paixão desmedida, o sofrimento por amor e a metamorfose. Com isso, Dora demonstra a atemporalidade mitológica, que simboliza a existência humana em qualquer época ou lugar, ao tempo em que representa a singularidade da condição humana e nos leva a refletir acerca da vida e do sentido da nossa existência.

Narciso e o sofrimento budista

Narciso sofre porque deseja o outro, aquilo que não possui, que não está ao seu alcance e, com isso, o mito corrobora os princípios da religião budista. De acordo com essa filosofia não-teísta, os primeiros ensinamentos deixados por Buda – mestre religioso da filosofia budista – foram chamados de As Quatro Nobres Verdades. Dentre essas verdades, estaria a afirmação de que todo o sofrimento terreno é causado pelo desejo, que seria

conceituado como uma espécie de apego. Desse modo, separarmo-nos daquilo que amamos, não conseguir aquilo que queremos seria um tipo de sofrimento. Seguindo esse princípio budista, somente com o desapego das grandes ilusões provenientes do desejo, o indivíduo alcança a libertação e se vê alforriado das causas do sofrimento.

Sofremos, não porque somos basicamente maus ou porque merecemos ser punidos, mas por causa de três trágicos mal-entendidos. Primeiro, esperamos que aquilo que está em constante mudança seja previsível e possa ser aprisionado. [...] Em segundo lugar, procedemos como se fôssemos separados de todo o resto, como se fôssemos uma identidade permanente, quando, na verdade, nossa situação é 'sem ego'. [...] Em terceiro lugar, procuramos a felicidade sempre nos lugares errados. O Buda chamou esse hábito de 'confundir sofrimento com felicidade', como uma mariposa que voa para a chama" (Chödrön, 2003:13).

Ora, não seria essa fala de Chödrön a perfeita descrição de Narciso? Condenado a amar um amor impossível, Narciso sofre. Sofre porque tenta imobilizar justamente aquilo que tem caráter de mobilidade. Sofre porque inerte em si mesmo, não se relaciona com o tempo. Sofre porque condiciona sua felicidade à permanência em si mesmo.

A chave para o mito de Narciso é o duplo. Esse duplo que ratifica o pensamento de Rosset (1988:64), ao dizer: "Não é o outro que me duplica, sou eu que sou o duplo do outro". Notemos que em todos os personagens que irão se entrelaçar com o belo mancebo, o duplo reina, como em Tirésias, onde o duplo se apresenta sob a forma de *anima animus*, ou em Eco que representa a incompletude, e até mesmo no próprio Narciso, que torna-se dois: o amante e o objeto amado por ele. Vejamos, a partir de agora, os ecos que Narciso propaga nesses entrelaçamentos.

Ecos de Tirésias em Narciso

Donaldo Schuller, no segundo capítulo de sua obra *Narciso errante*, apresenta a sua tradução do mito de Narciso, baseado na narração do poeta latino Ovídio, considerado o mais antigo narrador do referido mito. De acordo com a tradução de Schuller, a narração do mito é antecedida por uma espécie de discussão entre Zeus e Hera, denominados no texto pelos seus equivalentes romanos, Júpiter e Juno. Segundo o texto, os deuses discutiam acerca de quem teria mais prazer durante a relação sexual: Juno afirmava ser o homem aquele quem mais se beneficiava durante o coito, ao tempo em que Júpiter

afirmava o contrário. Como não chegavam a um consenso, optaram pela presença de Tirésias – famoso profeta cego de Tebas - na resolução do conflito. Veja:

Enquanto na terra assim agem os fados, seguro o berço de Baco, redivivo,
Júpiter, lembrem, ébrio de néctar, cuidados depôs graves.
Vadio questão propôs a Juno, hilariante: Vosso prazer, de fato, maior é que o dos
homens. Disse. Ela nega.
Que Tirésias, decidem, o sábio, sentença profira, douto só ele nos segredos todos
de Vênus. (Schuller, 1994:15)

Cabe aqui uma pausa para explicação da sapiência de Tirésias. Reza a lenda que, certa vez, ao ir orar no monte Citorão, Tirésias encontrou um casal de cobras venenosas copulando, e ambas voltaram-se contra ele. Ele matou a fêmea, e imediatamente tornou-se uma mulher. Sete anos mais tarde, indo orar no mesmo monte, encontrou outro casal de cobras venenosas copulando: matou o macho e tornou-se novamente um homem. Assim, Tirésias tornou-se sábio a respeito de ambos os sexos. Essa justificativa sobre a origem da sabedoria de Tirésias também aparece na tradução de Schuller. Observe:

Pois, em verde selva, o coito violara de duas serpentes, golpeando, com o báculo,
os corpos imensos.
De homem que era – pasmem! – virou mulher, atravessando assim sete outonos.
Veio o oitavo. As mesmas cobras avista. Se tamanho é vosso poder – disse – que
um golpe em vós precipite em sorte oposta o seu autor, recebi outro agora.
Golpeadas as serpes, a mesma perdida forma revém, a imagem natalícia retém.
(Schuller, 1994:15-6)

Assim, conhecido por sua tão sabedoria a respeito das almas femininas e masculinas, Tirésias é solicitado pelos deuses para finalizar a discussão. Embora soubesse que as divindades não gostavam de se sentirem contrariadas, e que, qualquer que fosse a resposta para o enigma, um dos deuses ficaria irado, o sábio compareceu ao chamado.

Enfim, o impasse teve seu desfecho. Questionado, Tirésias diz que se o prazer fosse dividido em dez partes, a mulher ficaria com nove e o homem com apenas uma. Como já houvera imaginado, o profeta foi arrebatado pela ira da deusa Juno que, furiosa por sua derrota, cegou Tirésias por vingança. Entretanto, Júpiter, num ato de recompensa pela vitória, aliado a um acesso de compaixão, presenteia o sábio com o dom da *mântis*, a previsão, e assim ele passa a ser conhecido como o famoso profeta cego da cidade de Tebas.

Toda essa narrativa é apresentada no texto do poeta latino Ovídio, e traduzida por Donald Schuller, e com isso, vemos se entrelaçando as histórias do profeta cego e do

jovem Narciso. Dando prosseguimento à tradução, Schuller começa, de fato, a narrativa do mito, apresentando o momento em que a ninfa Liríope vai ao encontro do sábio para interrogá-lo acerca do destino de seu belo filho: Narciso. Veja:

Por cidades aônias celeberrimo, o povo consulente ouvia de Tirésias irreprocháveis respostas. A primeira a constatar a verdade de sua voz foi Liríope, a cerúlea, enlaçada outrora nas voltas de Céfiso.
O rio, prendendo-a em seus anéis, levou-lhe a virtude. Pulquérrima, do útero crescido expeliu um infante, desde logo desejável às ninfas.
Narciso ela o chamou. O vidente, interrogado se o menino veria os longos anos de madura velhice, fatídico declarou: Sim, se não se conhecer. (Schuller, 1994:16)

O entrelaçamento do sábio Tirésias com o jovem Narciso se dá através da cegueira. Ambas as histórias problematizam acerca da importância da iluminação interior para o conhecimento da condição humana. O mesmo coração que dá olhos a Tirésias é o responsável pela cegueira de Narciso, visto que, enquanto o profeta vê com os olhos da alma, Narciso se vê cego pelo próprio olhar.

Percebam que tanto Tirésias quanto Narciso estão cercados por um problema atinente à visão e ao conhecimento; no entanto, o que os difere é o uso dessa iluminação interior como chave para o conhecimento da condição humana. Tirésias liberta-se da visão inerte de Narciso no momento em que Júpiter lhe abre os olhos para o adiante, o futuro. É essa visão do posterior que mantém o sábio aberto para o próximo, para o Outro. Desse modo, concluímos que o entrelaçamento entre Narciso e Tirésias em muito contribui para o aprofundamento acerca da realidade e singularidade da raça humana, pois como assevera Schuller (1994:50): “Morre em Tirésias o Narciso preso para todo o sempre à imagem fascinante, e surge o Narciso cego, sábio, inventivo”.

Ecos de Eco em Narciso³

Assim como o sábio Tirésias, a ninfa Eco também tem sua história entrelaçada à de Narciso. Conta a lenda que Eco era uma linda ninfa que acompanhava a deusa Ártemis em suas caçadas, e seu único defeito era falar demais. Um belo dia, Eco encontra a deusa Juno, que desconfiada de que Júpiter, seu companheiro, estivesse a se divertir com as ninfas da floresta, estava a procurá-lo. Eco, então, tenta distrair a deusa até que Júpiter

³ Título inspirado em capítulo da obra *Narciso errante*, de autoria de Donaldo Schuller.

possa se livrar do flagrante e as ninfas fujam. Juno, porém, percebe a manobra e condena Eco pela traição, sentenciando:

Confiscarei o uso de tua língua, essa com a qual me entretiveste, exceto para um único propósito de que tanto gostas: o de responder. Terás ainda a última palavra, mas não terás o poder de iniciar uma conversa. (Bulfinch, 2006:137)

Em *Narciso errante*, Donald Schuller, põe-se a analisar o entrelaçamento da ninfa e do mancebo. De acordo com o autor (1994:39):

Eco se põe no caminho de Juno, insegura da fidelidade do marido. Eco falava por falar, falava para distrair, enquanto Júpiter se desembaraçava de presenças comprometedoras. A ninfa cultivou fala envolvente, fala só fala, fala de não dizer nada. Eco dessacralizou a fala, foi esse o erro dela. Tratou Juno como mulher ciumenta e não como deusa. Juno, ofendida, pune a insolente.

Eco, assim como Tirésias, é também punida pela deusa Juno, porém não teve a mesma “sorte” do profeta: Júpiter não lhe recompensara pelo acobertamento de sua infidelidade, e é, de fato, com a punição de Juno que os mitos de Eco e Narciso se cruzam: “Narciso e Eco definem os limites do homem: a palavra não atravessa a rocha, os reflexos congelam na imagem. Na rigidez, Narciso e Eco traçam símbolos da morte” (Schuller, 1994:44).

Falar de Narciso é falar de Eco. E falar de ambos é falar da condição humana, é tratar da dificuldade que o ser humano tem de comunicar-se com o Outro, é versar sobre a tendência humana de repetir as mesmas ideias. Condenada a viver na sombra do diálogo alheio, Eco é a metáfora da mente que tende a repetir. Em sua personificação, o futuro é sem valor, inexistente; só há o passado; um passado que se repete, e se torna eco. E em Narciso a ninfa encontra sua sombra predileta, pois como aponta Bachelard (1989:24): “Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto”.

Também na figura da ninfa, vemos a importância que deve ser dada ao discurso, à palavra, considerada em sua acepção mais sagrada. Eco dessagra essa palavra, destitui-a de toda sua sacralidade e por isso é punida por Juno. E essa dessacralização torna-se um fardo em sua existência, pois como aponta Schuller (1994:115-116):

Nem todas as vozes atraem sem destruir. O canto das sereias, recordado por Ulisses, foi a ruína de numerosos marinheiros incautos. [...] Gloriosa é a imagem que seduz na promessa das sereias. Muitos narcisos moveram remos para fruí-la.

Em desobediência ao conselho dado pelo sábio rei Salomão no livro dos Cânticos (Bíblia Sagrada, Livro dos Cânticos, capítulo 2, versículo 7): “[...] não despertem, não acordem o amor, até que ele o queira!”, Eco busca em Narciso o reconhecimento do seu amor, projeta sua felicidade no ser amado e quando este não corresponde o amor oferecido, a ninfa se vê desolada. Despedaçada por dentro, Eco vive a se esconder nos bosques até a inanição tomar-lhe conta e despedaçá-la também por fora. A dependência do amor de Narciso foi o que a matou; essa necessidade de reconhecimento pelo olhar do Outro que é tão peculiar a existência humana. Ora, quem de nós nunca esperou gratidão pelos atos cometidos? Quem nunca condicionou sua felicidade à presença de outrem?

Se o pecado de Narciso foi não ver nada além dele, Eco peca por projetar-se inteiramente nele. Assim, inebriados de paixão, ambos se fecham em seus mundos. São esses os ecos de Eco em Narciso: mostrar-nos o perigo que há na idealização, na cegueira e demonstrar nossa incompletude, nossas deficiências enquanto seres humanos.

Considerações finais

A arte poética e o pensamento mítico são fatores contribuintes para o processo de autoconhecimento humano. Revelando-se, através desses dois modos de arte, o homem passa a ter consciência de si mesmo, e é na junção de ambos que esse mesmo homem toma consciência do seu destino.

É esse o árduo e incessante trabalho de poetas como DFS. Recriando liricamente esse tempo original dos deuses, a poeta recupera a tradição mítica e nos coloca em aproximação direta com os sentimentos que nos causam inquietude, como o faz ao tratar de Narciso. Auxiliados pelo lirismo de Dora é que percebemos o quão esse célebre mito, através de suas sensações características - como o reflexo, a sombra e o duplo - atinge o homem em sua temporalidade.

Narciso é a metaforização do ser humano em declínio pela incapacidade de amar, de olhar para o Outro. Personificação da *katábasis*, uma vez que Narciso “cai” dentro de si, o referido mito trabalha a incompletude existencial dos seres humanos, abarcando o duplo, o refletir-se no espelho, o amor a si próprio e a necessidade da iluminação interior para o

entendimento de si mesmo, ao tempo em que demonstra o quão perigoso é esse processo de auto revelação. É assim, utilizando o mito de Narciso e sua simbologia do espelhamento para refletir acerca da essência do existir humano, que DFS aproxima sua lírica do universo mítico-imaginário e demonstra a superficialidade – simbolizada pelo espelho e pela água – em que vive o ser humano.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução e revisão de João Ferreira de Almeida. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CHÖDRON, Pema. *Os lugares que nos assustam: um guia para despertar nossa coragem em tempos difíceis*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ROSSET, Clément. 1988. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM.

SCHULER, Donald. *Narciso errante*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004.

SILVA, Dora Ferreira da. Entrevista de Dora Ferreira da Silva: A fascinação do mito. [Dezembro de 1989]. São Paulo: *Revista PenAzul*. Entrevista concedida a Hermes Rodrigues Nery. [Online]. Disponível em: <<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>> Acessado em 12/10/2011.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. *Traduzir e traduzir-se: a tradução e sua influência na poesia de Dora Ferreira da Silva*. Texto inédito.